

ENSINO DA ORALIDADE: abordagem da dimensão Valorização dos Textos de Tradição Oral nos cadernos do PNAIC 2013.*Júlia Teixeira Souza¹**Ana Cláudia R. Gonçalves Pessoa²****Eixo temático: 7. Alfabetização e formação inicial e continuada de professores***

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar a abordagem da dimensão de ensino da oralidade “Valorização dos Textos de Tradição Oral” nos cadernos que fizeram parte da formação do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) no ano de 2013. Desenvolvemos uma pesquisa qualitativa com análise documental dos 36 cadernos usados na formação do PNAIC 2013. Os dados foram categorizados e analisados com base na análise de conteúdo. A análise dos dados apontou que todos os cadernos mencionaram a dimensão estudada, ora relacionando a outros eixos da língua portuguesa, ora inteiramente relacionada ao eixo oral. Apesar do direcionamento para outros eixos da língua, o material apresentou reflexões pertinentes reconhecendo a importância desses gêneros tradicionalmente orais dentro da sala de aula.

Palavras-chaves: Ensino da oralidade; Textos da tradição oral; Formação docente.

Introdução

Por muito tempo o ensino da oralidade não foi discutido em pesquisas e documentos oficiais e, conseqüentemente, esteve pouco presente nas salas de aula (SOUZA, 2015). Tal ausência se justifica pela supervalorização da escrita muito disseminada pelas concepções mais tradicionais da língua que acreditavam que a escrita tinha um alto valor social e uma supremacia cognitiva (MARCUSCHI, 2010). Além disso, havia uma compreensão de que a fala não precisava ser ensinada, por se tratar de uma modalidade adquirida pelo indivíduo antes da sua chegada à escola.

Somente a partir dos anos 1980, com a mudança de paradigma da língua, tendo como

¹ Doutoranda em educação pelo Programa de Pós-Graduação da UFPE. Professora da rede municipal de Recife. Contato:julia_souzat@yahoo.com.br

² Doutora em Educação pela UFPE. Professora do CE da Universidade Federal de Pernambuco. Contato ana.gpessoa@ufpe.br

base a concepção sociointeracionista, a concepção de ensino da língua e de oralidade passou a ser vista de outra forma. A língua, passa ser compreendida como produto da interação de um sujeito com o outro, da qual nasce um produto – enunciado – que se manifesta em diferentes formatos textuais, seja na forma escrita ou falada da língua.

A partir disso, diversos autores passaram a apontar a importância do ensino da fala e das suas relações com a escrita de forma sistemática (DOLZ e SCHNEUWLY, 2004; MARCUSCHI, 2010; LEAL, BRANDÃO e LIMA, 2012; SOUZA, 2015, etc.).

Leal, Brandão e Lima (2012) apontam que o eixo oral possui quatro dimensões de ensino que precisam ser consideradas no trabalho com a fala na escola: (1) valorização de textos de tradição oral; (2) variação linguística e relações entre fala e escrita; (3) oralização do texto escrito; (4) produção e compreensão de gêneros orais. Dentre essas abordagens este trabalho se deterá na discussão envolvendo a dimensão (1).

Araujo (2011), ao tratar da dimensão (1), refere que os textos orais são puramente produzidos através das práticas sociais, assim como são reproduzidos e repassados entre geração através das vias orais. Possuem um caráter lúdico e afetivo e são importantes para a construção da subjetividade. Também são, acima de qualquer coisa, objetos da língua utilizados para brincadeiras e jogos orais, não escritos. No entanto, é muito comum ver esses textos sendo utilizados para o trabalho com a consciência fonológica, devido às suas características presenças de rimas e aliterações, por exemplo, que colabora muito para a aprendizagem do sistema de escrita alfabética, sem nenhuma ponderação sobre sua função e suas características orais.

Desse modo, sabendo da relevância que a formação continuada de professores tem para ampliar a discussão sobre a presença do trabalho na sala de aula com oralidade, levantamos a seguinte questão: como a dimensão de ensino da oralidade “valorização dos textos da tradição oral” foi abordada na formação do PNAIC em 2013?

Assim, o presente artigo tem o objetivo de analisar a dimensão de ensino da oralidade Valorização dos Textos de Tradição Oral nos cadernos que fizeram parte da formação do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) no ano de 2013 e se apresentavam algumas orientações específicas sobre como trabalhar essa dimensão na sala de aula.

2 Oralidade, valorização dos textos da tradição oral e formação docente: algumas reflexões

De acordo com Dolz e Schneuwly e Haller (2004), embora a linguagem oral se faça presente nas salas de aula, não é desenvolvido seu ensino, a não ser de maneira incidental, em atividades aleatórias e pouco monitoradas. Isso porque, segundo os autores, há poucas

orientações metodológicas e a formação dos professores apresentam lacunas importantes. Assim, como no Brasil, Dolz, et. al. (ibidem) indicam que essa realidade existe, apesar dos textos oficiais já afirmarem que a oralidade deve ser prioridade no ensino da língua.

Segundo os autores (ibidem, p. 129 - 130) o oral é aquilo que é dito em voz alta, ou seja, o termo oral se refere a tudo que é transmitido pela boca. Complementam que “não se pode pensar o oral como funcionamento da fala sem a prosódia, isto é, a entonação, a acentuação e o ritmo”. Desse modo, para efetivar a comunicação oral, é necessário lançar mão de meios linguísticos e não linguísticos, que juntos compõem a interação comunicativa.

Além disso, Dolz et. al (2004) afirmam que a para que a comunicação oral ocorra é necessário lançar mão também dos aspectos não-linguísticos, como: *meios para-linguísticos; meios cinésicos; posição dos locutores; aspecto exterior e disposição dos lugares.*

Além dos elementos mencionados, os autores apontam que os meios extralinguísticos também são essenciais para a produção do texto oral. Os meios extralinguísticos nada mais são que a intenção comunicativa que irá exigir, a partir do contexto de produção em que o sujeito está inserido, escolhas linguísticas e paralinguísticas para a concretização da comunicação. Em vista disso, para garantir a inteligibilidade da fala, é indispensável que esta seja planejada, estabelecendo-se o objetivo comunicativo para, com base nisso, selecionar os recursos que serão importantes para garantir a compreensão do enunciado construído.

Além das características estruturais da linguagem oral, Leal, Brandão e Lima (2012), apontam que as dimensões do oral, já citadas anteriormente, correspondem as diferentes facetas que o eixo oral pode ter. Além disso, reforçam a necessidade de planejar o seu ensino de acordo com a dimensão do eixo que quer desenvolver, dessa forma, é possível pensar seu ensino de maneira micro e abarcando habilidades e aspectos mais específicos no trabalho em sala de aula.

Sobre a dimensão *Valorização dos Textos de Tradição Oral*, que é o objeto de estudo desse recorte, Leal, et al. (2012, p. 16), afirmam que o texto da tradição oral é importante, pois as crianças “podem se beneficiar e se sentir mais valorizadas, se perceberem que aqueles que fazem parte de sua comunidade também podem transmitir conhecimentos importantes por meio da fala, assumindo o papel de produtores de cultura”. Em concordância, Araujo (2011, p. 14) assevera que o trabalho com os textos orais na escola permite a apreciação e a valorização da cultura oral, do imaginário popular, da tradição poético-musical atemporal, de nossa herança e tradição cultural oral.

Araujo (2011) destaca que há uma diversidade de textos que fazem parte da tradição oral, como por exemplo: as quadrinhas, trovas, cordéis; as canções, cantigas de roda; os provérbios, ditos populares, frase feitas, bem como as adivinhas, etc. Portanto, a autora alerta que é essencial que a escola trabalhe esse texto em sua forma oral “como manifestações que

têm voz como matéria-prima e a memorizá-los, dizer os que sabem, entoá-los, brincar com eles” (ARAUJO, 2011, p. 14).

Tendo a voz como principal meio de produção, os textos de tradição oral podem contribuir para ricos debates sociais, bem como a aquisição de diversas habilidades necessárias para a produção oral, principalmente as formais. Seu ensino permite a reflexão sobre habilidades linguísticas, paralinguísticas, e cinésicas, que conforme apontamos anteriormente, são essenciais para o funcionamento da fala em variadas situações comunicativas.

Nesse sentido, as formações de professores possuem um papel crucial na disseminação, reflexão e ampliação dos fundamentos teórico metodológicos para a comunidade escolar.

Conforme aponta Rosa, Pessoa e Leal (prelo), o trabalho desenvolvido nas formações deve ter como principal objetivo a valorização do professor como agente de sua própria formação, ou seja, é ele que, diante do que lhe é apresentado, decide o que entrará ou não na sua prática. Desse modo, é indispensável legitimar a importância e a diversidade dos saberes presentes no trabalho docente. Esse modelo de formação continuada contribui para o processo de reflexão e mobilização de saberes e, acreditamos que favorece à reflexão sobre o ensino da oralidade e as dimensões presentes nele.

3 Metodologia

Com o objetivo de analisar a dimensão de ensino da oralidade “Valorização dos Textos de Tradição Oral” nos cadernos didáticos que fizeram parte da formação do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) no ano de 2013, realizamos uma pesquisa qualitativa do tipo documental.

Para levantamento de dados, analisamos 36 Cadernos de formação propostos pelo PNAIC 2013 (Caderno de Apresentação; Caderno de Avaliação; Caderno de Educação Especial; Caderno de Formação de professores; Cadernos de Educação do Campo – unidades 1 a 8; e Cadernos dos anos 1 a 3 – unidades 1 a 8) como material de apoio para os encontros de formação. Através da análise do conteúdo de Bardin (1977).

4. Resultados e Discussão

Observamos que os cadernos do PNAIC ressaltam em diversos momentos a necessidade de ensino da Língua Portuguesa a partir dos gêneros da tradição oral tanto para

o eixo oral, quanto para os demais eixos de ensino.

Os textos da tradição oral estão presentes em todas as modalidades³ dos cadernos, seja nos textos escritos por autores, com um aprofundamento mais teórico, como também figurando algumas atividades em relatos de experiência de professores. O quadro a seguir apresenta a distribuição por eixo da língua:

QUADRO 01: Frequência de uso dos textos do patrimônio oral para cada eixo nos cadernos do PNAIC

Ano	Análise linguística/ Apropriação do SEA	Produção de textos escritos	Leitura	Oralidade	Indicação dos textos sem menção aos Eixos
01	04	01	02	03	00
02	01	00	02	00	00
03	01	00	01	01	01
CAMPO	01	02	02	07	01
TOTAL	07	03	07	11	02

Os cadernos do ano 01 abordaram a vertente mais estrutural desses textos, destacando sempre os sons e os jogos com as palavras que os textos possuem e suas potencialidades para o ensino do sistema de escrita alfabética. Já os cadernos do Campo abordaram sua vertente mais social, ressaltando a sua relevância para a sociedade, seu modo de produção e a importância desses textos para determinados grupos sociais, apontando a necessidade de valorizá-los em muitos momentos e, trazendo com isso maior discussão dentro do eixo oral, estando em concordância com o que Leal, Brandão e Lima (2012) propõem para o trabalho com os gêneros do patrimônio oral.

A partir do quadro, é possível identificar um número grande de aparições desses textos relacionados ao ensino da escrita, principalmente no ano 01, no qual as únicas aparições relacionadas ao eixo oral foram indicações repetidas do direito de aprendizagem de maneira rápida e sem muita relação empírica. Acreditamos que se deu por se tratar de um ano em que todas as atenções estão voltadas para a aprendizagem dos princípios do Sistema de Escrita Alfabética (SEA), bem como por se tratar de textos com características sonoras, como rimas,

³ Nesse trabalho estamos chamando cada etapa de ensino de modalidade: ano1, ano, ano 3 e educação no campo.

aliterações, repetições e outros recursos que produzem efeitos sonoros, que favorecem o trabalho com a consciência fonológica e a apropriação do SEA (MORAIS, 2012, p. 93-94).

No eixo da leitura, o uso dos gêneros culturalmente produzidos foi indicado, principalmente, para o desenvolvimento de habilidades de fluência da leitura. Como esses gêneros são ricos em sonoridades e exigem bastante da fluência, do ritmo e da entonação, eles possibilitam o trabalho com a leitura e também com a oralidade.

Em relação a esse trabalho, Leal, Brandão e Lima (2012, p. 17) destacam que as brincadeiras de roda, atividades de dizer parlendas e trava-línguas contribuem para “desenvolver a fluência e articulação das palavras, aspectos importantes para a expressão oral”. Dessa forma, apesar dos cadernos indicarem o trabalho com esses gêneros para o desenvolvimento de habilidades voltadas para leitura, também favorece o desenvolvimento da oralidade.

No que diz respeito ao eixo oral, que é o foco da nossa análise, ressaltamos que os cadernos apresentaram uma preocupação com o ensino da dimensão dentro do que ela propõe. Identificamos citações mais conceituais, além de atividades ou relatos de experiências, assim como ocorreu para outros eixos.

Destacamos a presença da dimensão nos quadros de direitos de aprendizagem⁴ de Língua Portuguesa e Oralidade, salientando a necessidade de valorizar e utilizar os gêneros do patrimônio cultural e levar os estudantes a apreciá-los em diversos momentos de ensino da língua.

Em relação a sua presença nos cadernos do ano 02 e 03, percebemos que a abordagem voltada para a oralidade foi quase nula, e as poucas menções foram relacionadas aos demais eixos. Apenas no ano 03 encontramos uma discussão conceitual sobre a dimensão:

A dimensão “Valorização dos Textos de Tradição Oral” engloba a reflexão sobre a importância da oralidade nas diferentes instâncias de participação social e a valorização de textos que fazem parte da cultura brasileira e que foram originados e difundidos na modalidade oral, como muitas receitas culinárias orais, lendas, parlendas, trava-línguas, canções infantis e outras (BRASIL, 2012a, ANO 03: UNIDADE 02, p. 18).

Os cadernos do campo apresentaram maior quantitativo de abordagem dos gêneros da tradição oral, houve seis aparições em torno do eixo oral, apresentando reflexões pertinentes, como aponta o trecho abaixo:

⁴ Os materiais de formação do PNAIC 2013 apresentaram quadros de direitos de aprendizagem para cada eixo da língua, do 1º ao 3º ano do ciclo de alfabetização. Os quadros apresentam direitos e objetivos de aprendizagem por área de conhecimento e componente curricular, que dizem respeito às aprendizagens das crianças de acordo com o ano de ensino.

Um exemplo de cultura oral que passou a ser registrada e constitui expressiva arte popular é a literatura de cordel. A linguagem, os símbolos, a força da oralidade presentes no cordel constituem material textual significativo para as populações do campo, por meio do qual as crianças podem ser levadas a refletir tanto sobre os aspectos materiais da língua escrita, como também a desenvolver sua oralidade, musicalidade, interpretação cênica, etc. (BRASIL, 2012b, Campo: Unidade 01, p. 29).

O trecho mostra a abordagem em torno dos fundamentos teóricos relacionados à essa dimensão, detalhando as habilidades a serem trabalhadas e, sobretudo, a importância de valorização do texto construído socialmente.

Também identificamos indicações de atividades como, por exemplo, o trabalho com contos ou brincadeiras infantis, presente no extrato abaixo:

Ainda no âmbito da leitura, poderíamos sugerir trabalhos com foco em contos de assombração e “causos”. Tais gêneros, que aparecem tanto na modalidade oral quanto escrita, podem aproximar as crianças do universo dos textos da ordem do narrar.

[...]Há, ainda, por outro lado, um conjunto de rezas, receitas culinárias, descrição de brincadeiras, que merecem atenção, pois vem se perdendo ao longo do tempo e, com certeza atividades de resgate, a partir dos textos, possam resultar num material de extrema originalidade, que reforça valores e contribui para processos identitários locais. Além destes, tem sido comum em muitas regiões brasileiras o uso da literatura de cordel nas escolas (BRASIL, 2012c, CAMPO: UNIDADE 07, p.21).

Tal exemplo, indica a busca dos cadernos por apresentar aos professores possibilidades de trabalho com esses gêneros textuais, salientando a importância valorizar a tradição entre gerações.

Creemos que esse investimento maior nos cadernos do Campo aconteceu porque as comunidades campesinas possuem um vasto repertório de textos produzidos tradicionalmente que passam de geração para geração e que fazem parte da vida dos alunos.

Diante do que discutimos, fica evidente a preocupação dos Cadernos do PNAIC em abordar uma dimensão tão importante, embora em diversos momentos ela tenha outros objetivos didáticos que não seja o ensino do eixo oral. Nesse caso, acreditamos que, mesmo que os objetivos não sejam voltados para a oralidade, o desenvolvimento do trabalho com estes gêneros textuais favorece de forma intrínseca o trabalho com a oralidade na sala de aula.

5 Considerações Finais

Nossa pesquisa teve como objetivo analisar a abordagem da dimensão de ensino da oralidade “Valorização dos Textos de Tradição Oral” nos cadernos didáticos que fizeram parte da formação do PNAIC 2013. Observamos que os cadernos que apresentaram maior índice

dessa abordagem foram Ano 01 (10 abordagens) e Campo (13 abordagens).

Destacamos que apesar dos cadernos do Ano 01 apresentarem uma abordagem quantitativa próxima à dos cadernos do Campo, os direcionamentos foram distintos. No Ano 01, a abordagem foi mais direcionada para o ensino de habilidades de consciência fonológica e na educação no Campo, o direcionamento foi maior para o eixo oral.

Evidenciamos que o incentivo ao trabalho com esses textos é um grande avanço social, pois os docentes irão propor situações de valorização e reconhecimento da cultura. Além disso, mesmo não sendo utilizada com o objetivo principal voltado para a oralidade, a entrada desses gêneros tradicionalmente orais na sala de aula fortalece o repertório de textos culturalmente produzidos.

É imprescindível que as dimensões de ensino da oralidade sejam objetos centrais de cursos e programas de formação, julgamos que é imperioso propor situações nas quais os docentes reflitam sobre a concepção de ensino do eixo oral, as características desse eixo e as habilidades necessárias para o planejamento e a produção dos textos orais, bem como momentos de socialização de saberes e experiências exitosas, colaborando para a consagração desse eixo na prática em sala de aula.

Referências

ARAUJO, Liane Castro de. ...**Quem os desmafagafizar bom desmafagafizador será: textos da tradição oral na alfabetização**/Liane Castro de Araujo, Mary Arapiraca. - Salvador: EDUFBA, 2011.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1977. Ferreira, B. Análise de Conteúdo. Disponível em: <http://www.ulbra.br/psicologia/psi-dicas-art.htm> em 18/01/03. Acessado em 27/05/2011.

BRASIL. *Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: planejamento e organização da rotina na alfabetização: ano 3: unidade: 2* / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. -- Brasília: MEC, SEB, 2012a.

BRASIL. *Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: currículo no ciclo de alfabetização: perspectiva para uma educação no campo: educação no campo: unidade 1* / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. -- Brasília: MEC, SEB, 2012b.

BRASIL. *Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: alfabetização para o campo: respeito aos diferentes percursos da vida: educação no campo: unidade 7* / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. -- Brasília: MEC, SEB, 2012c.

DOLZ, Joaquim, SCHNEUWLY, Bernard, HALLER, Sylvie. **O oral como texto: Como construir um objeto de ensino**. In: ROJO, Roxane e SALES, Gláís (orgs.). Gêneros orais e escritos na escola. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

LEAL, Telma Ferraz; BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; LIMA, Juliana de Melo. **A oralidade como objeto de ensino na escola: o que sugerem os livros didáticos?** In: LEAL, Telma F., GOIS, siane (Orgs.). A oralidade na escola: a investigação do trabalho docente. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

MARCUSCHI, L. Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MORAIS, Artur Gomes de. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

ROSA, Ester Calland de Sousa, PESSOA, Ana Cláudia R. Gonçalves, LEAL, Telma Ferraz. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – um olhar sobre o processo e para o que ainda nos desafia...** (prelo).

Souza, Julia Teixeira. **Concepção de oralidade presente no PNAIC e na formação dos orientadores de estudos e professores alfabetizadores de Pernambuco**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CE. Educação, Recife, 2015.